

TAYNÁ MATEUS DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS REAIS INVENTADAS:
Imaginação e realidade no contexto da
educação em Artes Visuais

Brasília, 2019

TAYNÁ MATEUS DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS REAIS INVENTADAS:
Imaginação e realidade no contexto da
educação em Artes Visuais

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador. Prof. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Brasília, 2019

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

Tayná Mateus de Oliveira

**MEMÓRIAS REAIS INVENTADAS:
imaginação e realidade no contexto da educação em Artes Visuais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado.

Aprovado em: 06.12.2019

Banca examinadora:



Presidente e Orientador

Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Departamento de Artes Visuais

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Departamento Artes Visuais
Universidade de Brasília
Matricula: 1038419



Membro Interno

Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta
Departamento de Artes Visuais



Membro Interno

Professora Dra. Cinara Barbosa de Sousa
Departamento de Artes Visuais

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais:

Lucélia Maria de Andrade

Samuel Mateus de Oliveira

Por acreditarem em mim, pelo amor e apoio. Por fazerem parte de minhas memórias mais antigas, e, por tudo que me ensinaram e ainda ensinarão.

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor orientador **Luiz Carlos Pinheiro Ferreira**, pela compreensão, acolhimento e generosidade, neste período de pesquisa, que foi repleto de altos e baixos. Meu respeito, admiração e carinho.

À minha **família e amigos** que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada, escutando minhas angústias e pesares, nunca me deixando esquecer que por mais complicado que parecesse eu conseguiria concluir esta etapa de minha graduação. Todo meu amor.

Aos **alunos** do Centro de Ensino Fundamental 11, pela disponibilidade, atenção e interesse em participar da atividade pedagógica proposta. O meu carinho.

À **direção do Centro de Ensino Fundamental 11**, escola onde estudei em minha adolescência e que agora em minha vida adulta me acolheu e me permitiu realizar a atividade pedagógica, que faz parte deste trabalho.

À **Universidade de Brasília** que me proporcionou as ferramentas necessárias para minha busca pelo conhecimento.

E a todos aqueles que contribuíram para mais uma etapa que se faz concluída em minha vida. Vocês estarão para sempre presentes em minhas memórias.

MEMÓRIAS REAIS INVENTADA:

Imaginação e realidade no contexto da educação em Artes Visuais

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a memória e sua relação com a imaginação e a realidade. Apresenta narrativas que contam sobre memórias pessoais na tentativa de entender o que, em minha trajetória de vida, levou-me a seguir determinados caminhos e ter determinados pensamentos sobre as questões da realidade, da verdade e da fantasia. Questiono a veracidade do passado, bem como, as lembranças, suscitando questões pontuais que relacionam memória e invenção; memória e imaginação; memória e realidade. Assim, com este trabalho articulo ideias e questões acerca do conceito de realidade dentro da perspectiva da memória. A pesquisa apresenta, também, reflexões a partir do desenvolvimento de fotomontagens realizadas pelos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: artes visuais; memória; imaginação; estágio docente

LISTA DE FIGURAS

Figura 1

Diário de Rosaline, 19 de janeiro, 1852. Acervo particular da autora.

Figura 2

Diário de Rosaline, 05 de março, 1852. Acervo particular da autora.

Figura 3

Diário de Rosaline, 23 de fevereiro, 1855. Acervo particular da autora.

Figura 4

Diário de Rosaline, 19 de abril, 1860. Acervo particular da autora.

Figura 5

Diário de Rosaline, 10 de junho, 1866. Acervo particular da autora.

Figura 6

Diário de Rosaline, 17 de agosto, 1884. Acervo particular da autora.

Figura 7

Diário de Rosaline, 31 de julho, 1899. Acervo particular da autora.

Figura 8

Pérola foi encontrada. Fotomontagem e texto narrativo realizado por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 9

O mundo da Deep Web – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 10

O mundo da Deep Web - Texto narrativo realizado por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 11

A prisioneira do Castelo – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 12

A prisioneira do Castelo – Texto realizado por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 13

Férias de duas meninas – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

Figura 14

Férias de duas meninas – Texto realizado por um aluno. Acervo particular da autora.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO {16}

NOTAS INTRODUTÓRIAS {20}

- A BORBOLETA QUE NÃO NASCEU LAGARTA {21}
- O EU DE VÁRIAS FACETAS {23}
- É NA ESCURIDÃO QUE A FAÍSCA BRILHA MAIS {25}

I. INVENÇÕES A PARTIR DO REAL {28}

- A MEMÓRIA {30}
 - A REALIDADE E A FANTASIA {33}
 - A MEMÓRIA INVENTADA {37}
-

II. A VERDADE {41}

- SOBRE A VERDADE {42}
 - NARRATIVA COMO DOCUMENTAÇÃO {51}
 - IDENTIDADE E ALTER EGO {57}
-

III. DIÁRIO DE VIAGEM: REGISTROS DE ROSALINE {64}

- COMO TUDO COMEÇOU {65}
 - REGISTROS DE ROSALINE {68}
 - A IDEIA E O PROCESSO {80}
-

IV. PRÁTICA PEDAGÓGICA {84}

- A RESSIGNIFICAÇÃO {84}

- PRIMEIRA ETAPA: APRESENTANDO OS CONCEITOS {87}
 - SEGUNDA ETAPA: IMAGINAÇÃO EM PRÁTICA {88}
 - TERCEIRA ETAPA: A HISTÓRIA ESCRITA {90}
-

V. O RESULTADO: APONTAMENTOS REFLEXIVOS {91}

- REGISTRO 1 {92}
 - REGISTRO 2 {94}
 - REGISTRO 3 {97}
 - REGISTRO 4 {100}
-

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EU, ROSALINE E OS OUTROS {105}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

{107}

ANEXO 1 {110}

- **DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DE ESTÁGIO**
{110}
-

APRESENTAÇÃO

Início a apresentação desta pesquisa falando sobre a memória. A minha curiosidade acerca deste conceito motivou-me a seguir por este caminho, ou seja, a pesquisa e a escrita sobre memórias reais inventadas. Assim como, outras indagações em relação ao conceito de verdade, que povoam constantemente minha imaginação.

Deixo claro para o leitor que no corpo do texto encontram-se dispostos fragmentos narrativos de memórias minhas, do presente e do passado, assim como memórias de Rosaline.

O Capítulo I, “Invenções a partir do real” se inicia com um fragmento narrativo de memória. Neste fragmento, apresento Rosaline, como um alter ego que possui um diário de viagem com registros fotográficos e textos escritos, documentando sua jornada pelo mundo.

Esse capítulo é dividido por três tópicos, sendo que o primeiro aborda o conceito de memória, nele me debruço nas teorias de Izquierdo (1989) e Eisenkraemer (2006) sobre o que é memória.

No segundo tópico do primeiro capítulo abordo a questão da realidade e da fantasia a partir dos pensamentos de Góes (2001) e Fabio Tfouni, (2008), que afirmam que a realidade e a fantasia não existem de forma separada, ambas estão sempre juntas e isto diferencia o conceito de realidade e real. Sendo a realidade uma forma de ilusão criada pelo ser humano que a trata como o real. O terceiro tópico encerra o primeiro capítulo. Abordo o conceito de memória inventada, somando o que foi dito nos tópicos anteriores, sobre a memória, a realidade e a fantasia e sugiro, então que todas as memórias são inventadas, a partir do momento em que sofrem interferência da imaginação. Utilizo como referência ainda Fabio Tfouni (2008); Brainerd e Reyna (1995) e Raquel Eisenkraemer (2006) para reforçar meu pensamento proposto.

“A Verdade” é o título do Capítulo II que também é dividido em três tópicos. O primeiro tópico enfatiza sobre a verdade, nele trago o conceito de verdade exposto por Camargo (2008), embasado pelo pensamento de Nietzsche, que propõe que a ela, diferente do que se entende, é construída e instaurada pela sociedade e que para a verdade ser considerada como tal basta que haja a crença popular no que foi dito.

Tendo em vista este pensamento, questiono, então, a solidez da verdade.

O segundo tópico do segundo capítulo é sobre a documentação e a narrativa como uma forma de transmitir a credibilidade necessária para que algo se torne real perante as pessoas, para isso apoio-me na teoria de Massarolo (2013) que afirma que o papel do narrador é de ativar crenças e valores. Neste momento retomo o foco em Rosaline e no tópico seguinte exponho a questão da identidade e do alter ego.

Identidade e alter ego é o tema do terceiro tópico do segundo capítulo, nele me apoio nas teorias dos autores Aquino (2015); Berger & Luckmann (1996; 2002) e da autora Falcão (2016), para falar sobre a formação da identidade e como as vivências contribuem para nossa formação como indivíduos.

O Capítulo III, “Diário de viagem: Registros de Rosaline” é uma explicação do trabalho desenvolvido na disciplina Fotografia 1, que deu origem à minha prática pedagógica e ao meu TCC, nele cito Mário de Andrade (1987) e minha ex-professora Ruth Sousa (2013) que me inspirou a dar início ao diário de Rosaline, com sua tese *“MADEUP MEMORIES CORP© A Ficção como estratégia na construção de Lembranças Inventadas”*. Finalizo o capítulo com uma análise sobre o trabalho poético

desenvolvido para, enfim, chegar ao ponto final da pesquisa, ou seja, a prática pedagógica.

No Capítulo IV, citando Nobre (2014), destaco a importância da ressignificação de conceitos pré-estabelecidos pela sociedade. Neste capítulo descrevo, também, as etapas da atividade proposta e abordo a questão da auto expressão e sua importância para o desenvolvimento pessoal dos alunos, de acordo com a teoria de Lowenfeld (1977).

No Capítulo V, apresento o resultado do trabalho pedagógico produzido na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3, expondo e analisando as obras realizadas por meus alunos durante este período.

Antes de iniciar o desenvolvimento do trabalho me vi na quase obrigação de escrever sobre mim, de contar a minha história, afinal este é um estudo sobre memórias, sobre personalidade e também sobre experiências que tangenciam questões formativas vivenciadas no contexto do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Pensei bastante em como fazer isto, e em como eu poderia parecer narcisista para quem

fosse ler. Fiquei apreensiva sobre a ideia. Cheguei à conclusão que este tópico não de caráter narcisista, é sobre como entender a trajetória de quem está por trás das palavras aqui escritas. A seguir, apresento algumas notas introdutórias sobre quem sou e quais foram os impactos das experiências pessoais e da arte em minha formação.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Tudo começou para mim no dia vinte e quatro de janeiro de mil novecentos e noventa e seis. Pela manhã. Um belo dia, imagino eu.

Minha história, para quem está lendo começa agora, e para introduzi-los ao universo deste trabalho, preciso, antes, falar sobre mim. O que me trouxe até aqui?

Hoje faz uma tarde de sol não muito agradável, abafamento, calor, chuva e sol. O pensamento vaga mais e mais... tenho que me concentrar. Sempre foi difícil concentrar-me. A pergunta é outra. O que me trouxe até aqui?

Pensar é algo que faz parte de mim. Eu não poderia ser quem sou se eu não estivesse com a cabeça a mil o tempo inteiro. Penso demais.

Finalmente o tempo começou a fechar e amenizar a temperatura. E eu? ainda penso. No chão. O que me trouxe até aqui? E onde é o aqui afinal?

O aqui a que me refiro é o presente. E para saber o que me trouxe a ele tenho que voltar em minhas memórias, afinal é na memória que poderei criar essa resposta que tanto procuro. Começo, então, a perambular por elas, traço uma jornada em busca de algo que faça sentido e responda minha pergunta que é a seguinte: como a memória inventada, pode contribuir/favorecer/despertar a imaginação? Tal questão também contribui para o desenvolvimento de minha prática pedagógica, que considerou a dimensão da memória e da imaginação no processo.

▪ **A BORBOLETA QUE NÃO NASCEU LAGARTA**

A arte está desde o início presente em minha trajetória. Começo a pensar sobre isto e imagens começam a surgir em minha mente como se a mesma estivesse produzindo um filme cuja única espectadora sou eu. Neste filme ocorrem diversas situações que, de fato, nunca acontecerão. Porém parecem tão reais...

poderiam facilmente ser reais..., mas não são. Me perco dentro de mim.

Penso muito, lembro de tudo, fantasio muitas coisas em minha cabeça. Meus pais sempre me falaram que eu seria artista. Tenho memórias do passado onde eles alegavam para terceiros que eu era muito criativa, vivia no meu próprio mundo. Provavelmente internalizei isto. Pois agora estou eu aqui, tentando ser professora artista. Imagino-me assim.

Lembro de uma vez na minha infância, conversando com minhas irmãs sobre vidas passadas (por algum motivo estávamos nós, quatro crianças, conversando sobre vidas passadas) estávamos discutindo sobre o que fazíamos nestas outras vidas. Insinuei que eu desenhava nas paredes das cavernas. E com isso, novamente, me perco em meus pensamentos e memórias. Tenho que retomar o foco.

Meu amor pela arte me fez fazer escolhas. Várias escolhas. Mas a mais importante foi escolher estudá-la. O Eu do passado no auge da adolescência decidiu que iria cursar Artes Visuais na Universidade de Brasília. E esta escolha reflete no Eu do presente.

Em minha varredura mental para saber como cheguei até aqui, percebo como a arte é um pilar tão maciço em minha vida. É

como se tudo estivesse girando em torno deste fator. Assim como a terra gira em torno do sol e em torno de si mesma. A arte é o sol e eu sou o planeta Terra.

▪ O EU DE VÁRIAS FACETAS

Muito tempo se passou desde que escrevi a última palavra nesta narrativa antes desta frase que inicia este capítulo. O calor ainda é o mesmo, mas eu ainda sou a mesma? Me pergunto em silêncio.

Dizer que sou a mesma me soa até engraçado. Quem sou eu, afinal, dentro de minhas múltiplas personagens, criadas dia após dia para me encaixar ou desencaixar em uma realidade. Afirmo que não sei quem sou hoje, mas posso saber quem serei amanhã. Ao perceber isto retorno à minha busca em minhas memórias e me deparo com esta que narrarei a seguir:

Lembro-me de meus dias de ouro com lá meus seis ou sete anos, em que acordava junto do sol e já traçava o caminho que eu conhecia

bem, munida de minha super manta que me protegia de todos os perigos que o mundo poderia vir a me oferecer. Era o caminho da minha cama para o sofá da sala. Sofá em que me sentava como uma princesa em seu precioso trono, e assistia atenta a programação da TV em que passava todos os desenhos que eu mais gostava. Assistia feliz e aquecida a espera do meu leite achocolatado feito com amor e carinho pela minha querida mãe.¹

Ao vivenciar esta lembrança, com o coração aquecido pelo sentimento que ela me trouxe, me dou conta de que muito provavelmente essa predisposição a criar personagens tenha se

¹ Sempre que for utilizada a fonte cursiva, significa que estou narrando trechos de memórias de um passado distante.

arrastado desde minha época de infância. Onde eu passava horas e horas assistindo esses desenhos animados e jogando com minhas irmãs e meu irmão no videogame. Assistir os desenhos e passar o tempo no videogame me inseria num mundo fantasioso do qual eu não fazia parte. Onde eu era apenas mais um avatar entre tantos outros.

Me colocar na posição de outras pessoas, pessoas que de fato não existem, que são apenas personagens que crio, contar suas histórias, que na verdade pertencem a mim põe-me num local divino onde dou vida à imaginação. Minha imaginação passa do plano imaterial para o plano material a partir do momento em que tiro-a de minha cabeça e coloco-a no mundo tridimensional. Meu pensamento vaga sobre o assunto e me vejo dispersa em uma infinidade de pensamentos sobre o que sou e quem sou e onde estou. Paro. Respiro. Me certifico: Todas as personagens que sou são reais, mas inventadas. Todas as memórias inventadas são reais. A multiplicidade do meu ser é real. Eu sou real.

▪ **É NA ESCURIDÃO QUE A FAÍSCA BRILHA
MAIS**

Levo meus pensamentos ao momento em que ingressei no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Perdida, sem saber bem o que estava a me esperar. Eu amava e ainda amo a ideia de ser professora, assim como amo desenhar coisas muitas vezes sem sentido explícito dentro de uma realidade que era confusa, até para mim que a produzia. Apesar da confusão que em mim habitava e ainda habita sempre buscava e ainda busco me expressar de alguma forma através da arte.

Foi no terceiro semestre da faculdade, na Disciplina Oficina de Fotografia 1, ministrada pela professora Ruth Souza, que resolvi trabalhar com fotomontagens relacionadas a memórias de coisas que nunca aconteceram. Eu resolvi criar memórias. Resolvi criar personagens e trazer essas minhas fantasias para o mundo real.

Embarcar em meus pensamentos e criar situações, pensar, contar histórias, narrar acontecimentos que aconteceram somente dentro de minha imaginação, trazer minhas histórias mentais para um plano físico me fazia feliz. Animava-me. Senti-me, enfim, no local em que eu deveria estar.

Produzir estas obras me colocou em contato direto comigo. Senti-me voltar novamente para minha carcaça. Digo isso porque há momentos em que o que acreditávamos ser, na verdade não é. E o impacto das percepções que tenho do mundo me afeta de uma forma mais grave do que eu gostaria que fosse. É aquela história do peso das coisas. O negativo sempre vai pesar mais que o positivo, mas tenho que equilibrar para não surtar.

Foi com este trabalho que realizei em fotografia que consegui chegar onde estou hoje. Consegui fluir a imaginação sem o peso do medo do retorno opinativo de terceiros. A faísca ascendeu e o brilho foi tão intenso que me cegou. Ou melhor. Devolveu-me a visão.

I.

INVENÇÕES A PARTIR DO REAL

Começo este capítulo falando sobre Rosaline, com uma memória de algo que me foi contado e que trago comigo desde então. O trecho a seguir é a tentativa de reproduzir as palavras de quem me contou esta linda história que me levou a dar início a saga do estudo das memórias.

Rosaline

Há muito, muito tempo atrás numa linda manhã de primavera, onde o vento soprava suave e o sol aquecia, mas não queimava, nasceu no interior de uma pacata cidade uma criança com a aparência vívida, pele clara, bochechas redondas extremamente rosadas e cabelos escuros como uma noite sem luar. Era Rosaline.

Rosaline nasceu com seus grandes olhos abertos e vibrando com potência um choro ensurdecedor. Sua mãe sempre dizia que a garota nasceu com os olhos abertos pois era

muito curiosa. Sempre foi. É sua sede pelo novo fez com que a garota saísse desembestada pelo mundo afora, munida apenas de um caderno, em uma jornada para conhecer o desconhecido.

Eu sei desta história pois minha falecida avó me contou e quem contou à minha avó foi a minha bisavó e quem contou à minha bisavó foi a minha tataravó... E assim se seguiu numa linha vista de trás para frente. Uma memória real que foi contada de geração em geração. História esta que veio acompanhada de um precioso caderno de viagem contendo os registros magníficos de Rosaline, minha parente distante da qual herdei os grandes olhos curiosos.

▪ A MEMÓRIA

Sentada, encontro-me lendo por horas em uma cadeira não muito confortável. O vento do ventilador sopra quente em minha

pele que também está quente. O ar seco me sufoca à medida que respiro. Setembro sempre é difícil. Penso como o tempo voa, mas ao mesmo tempo se arrasta. Penso sobre como já estive outras vezes nesta mesma posição, neste mesmo local. Penso onde gostaria de estar e no que eu gostaria de estar fazendo. Lembro de episódios de minha vida, de histórias, de pessoas, que hoje não mais existem. Um dia existiram. Hoje são memórias. Aliás é sobre memórias que falarei agora. O que é memória afinal?²

Memória é uma daquelas palavras que eu pensava saber o significado, mas que na verdade possui um amontoado de ramificações, onde cada um desses ramos possui diversos conceitos que eu sequer fazia ideia. Porém uma definição me cativou. Quem escreveu sobre este conceito de memória foi alguém cujo nome é Ivan Izquierdo. Ele diz o seguinte:

Memórias são as ruínas de Roma e as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador. Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou) (...) a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não

² Sempre que for utilizada a fonte em itálico com espaçamento 1,15 significa que estou narrando trechos de acontecimentos do presente.

realidades: as ruínas de Roma não são a Roma imperial (IZQUIERDO, 1989, p. 01).

Reflico sobre a citação acima e penso, a partir da mesma, que memórias são bagagens que carrego comigo. Todas as minhas vivências se traduzem posteriormente em memórias e todas essas memórias formam meu eu total. Pergunto-me se algum dia eu acordasse sem essas memórias cultivadas ano após ano, já com a resposta em mente, quem eu seria. Eu não seria eu. Eu não seria ninguém. Como explica Eisenkramer:

A perda da memória leva à perda de si mesmo, da história de uma vida e das interações com outros seres. Grande parte do que sabemos sobre nós e sobre o mundo, como o rosto de um amigo ou inimigo, as expressões numéricas, a política, enfim, não foi construída em nosso encéfalo ao nos darem à luz, mas adquirimos por meio da vivência e isso teve a participação da memória (EISENKRAEMER, 2006, p. 98).

Nesse sentido, entendo de forma mais contundente o conceito de Izquierdo (1989), quando o mesmo diz que memórias não são realidades, mas sim representações. Percebo que cheguei, enfim, em um ponto crucial. A veracidade das memórias.

Nunca fui à Roma. Talvez Rosaline já tenha passado por lá em sua jornada pelo mundo. Gostaria de perguntar a ela. Em meu acervo de imagens mentais consigo encontrar esta cidade e suas construções em pedras lascadas pela interferência do tempo. Imagino episódios que aconteceram lá em um passado distante. Lembro-me das aulas de história e filosofia que tive em minha época de escola.

Eu poderia alegar que tenho memórias de Roma. Eu tenho memórias de Roma, afinal. Mas me pergunto se são memórias reais. E me pergunto o que, de fato, é real e o que é fantasia.

▪ A REALIDADE E A FANTASIA

Não posso me esquecer da minha época de infância onde, nas tardes ensolaradas, porém chuvosas de janeiro, eu brincava com minhas irmãs. No fundo do quintal eu incorporava

papéis e fantasiava cenários que faziam jus às histórias que se formavam dentro de minha mente. Eu era uma valente pirata que desbravava os sete mares, munida de minha longa espada afiada que na verdade não passava de um simples cabo de vassoura e dentro de meu notório navio feito de uma madeira maciça que na verdade era apenas uma velha e destrambelhada caixa de papelão.

O trecho narrativo acima reflete uma experiência da infância a partir da interação entre realidade e fantasia. Entendo que é na infância que tudo começa. E foi na infância que iniciei minha trajetória no mundo da fantasia.

Segundo afirmação de Maria Goes (2001, p. 1), ao enfatizar que,

[...] no início da infância, o contexto perceptual e os objetos como que determinam a ação da criança. Os objetos são explorados e manipulados conforme suas características físicas ou funcionais; motivação e percepção

estão, de certa forma, superpostas. No entanto, quando começa a construção do faz-de-conta, opera-se uma separação dos campos da percepção e da motivação, pois as ações são simuladas e uma coisa é usada para significar outra. O campo do significado se impõe, de maneira que a criança passa a agir com os objetos não apenas em função do que percebe.

Ao brincar de pirata com minhas irmãs, me imaginando pirata, ressignificando os objetos do meu cotidiano para que fizessem parte do universo que eu criava em minha imaginação, estava, sem saber, trabalhando a questão da fantasia.

Ainda de acordo com Góes (2001) o que constitui a matéria da situação imaginária origina-se do diretamente vivenciado, observado ou conhecido. Com isso retorno ao processo de lembrar minhas memórias de infância e tento resgatar minhas lembranças de situações nas quais fantasiei coisas que de fato não eram reais no plano físico, mas que eram dotadas de realidade, no sentido de que tudo o que eu imaginava na fantasia fazia parte de um mundo real, do qual eu possuía um conhecimento prévio. Góes (2001) diz ainda que o faz-de-conta passa a se caracterizar, também, pelas possibilidades de operar com a recombinação de elementos da realidade, criando situações virtuais. Penso sobre esta sentença e percebo, à partir

do autor, que a fantasia é, de fato, uma reorganização da realidade. Mas o que é a realidade afinal?

É domingo à noite e me encontro sentada na mesma cadeira desconfortável que eu estava sentada ontem. A luz do monitor fere minhas vistas e o vento do ventilador sopra ainda quente em meu corpo. A água que eu bebo já não está mais fria, o calor a aqueceu rapidamente. Uma música toca enquanto eu escrevo estas palavras. Escutar música me ajuda a escrever. A narrativa de agora corresponde ao presente. Quem estiver lendo no futuro vai saber que o que aqui foi escrito fará parte do passado. Será uma memória escrita e talvez não seja tão real quanto é neste instante para mim. Continuo minha busca pelo significado de realidade.

Realidade é uma coisa e o real é outra coisa. Nessa perspectiva, Fabio Tfouni (2008, p. 181), enfatiza que a realidade é o real com um toque de fantasia; é o real sem o choque do real. E assim, se estar no o real é o lugar do “tudo saber”, e isso leva o sujeito à morte, notamos que, do tudo, o sujeito passaria para o nada. Dialeticamente, a verdade do tudo é o nada.

A realidade se codifica em termos imaginários. Sendo assim, afirmo que não conheço o real, conheço apenas a realidade, uma realidade que não existiria se não existisse a

fantasia/imaginação. Seguindo esta linha de pensamento chego à conclusão que nós, seres humanos, não sabemos o que é o real e julgamos a realidade como o real, sem fazer distinção dos conceitos, pois

na busca do real, quando o sujeito se aproxima demais desse real, o sujeito se afasta com medo do absoluto da morte. Então, tanto a busca do real como o encontro desse real, trazem sofrimento. O objetivo do sujeito é evitar o sofrimento e, para tanto, usa a realidade como fantasia que barra o sofrimento do real, ao mesmo tempo critica o sofrimento da realidade e busca o real, busca sua verdade (TFOUNI, 2008, p. 182).

A partir do momento que percebo que o real é algo que não conheço e sequer tenho vontade de conhecer, (para ser sincera...), aceito a condição de que vivo na realidade. Me coloco nela, que é na verdade uma grande ilusão. Se vivo na realidade, vivo em um mundo imaginativo. O que tenho, então, são fragmentos do real misturados em um mar de fantasias.

▪ A MEMÓRIA INVENTADA

No trecho a seguir narro um episódio que marcou a minha vida e que carregou comigo em minhas memórias de infância;

Era dia 30 de junho de um ano que eu não me lembro a numeração. Talvez 2002, talvez 2003. O sol estava se pondo em tons que variavam entre o violeta e o alaranjado, o vento era frio, mas seco, daqueles que cortam os lábios e ressecam a pele. No ar era marcante o cheiro do amendoim que torrava na panela, lembro-me como se fosse ontem, minha avó estava preparando uma deliciosa canjica. Canjica que comi tanto que pensei que a explosão de uma criança seria noticiada nos telejornais. A criança era eu.

Foi neste dia que minha querida avó me contou pela primeira vez sobre Rosaline. A desbravadora, mulher destemida, que conheceu o desconhecido e viveu o inesperado. Sentada em sua cadeira de balanço, balançava na varanda, em minha frente. Seus olhos brilhavam um brilho que poderia ser confundido com o mais potente dos holofotes já vistos pelos homens. Ela tinha sobre as pernas justas um manto e um caderno. Era o caderno de viagem de Rosaline. Naquele momento, sentada sobre o chão frio de cerâmica branca, a jornada do mundo das memórias deu-se início para mim.

As memórias são acontecimentos imagéticos que guardo em minha cabeça, recordações do que já vivi de alguma forma, física ou não, elas fazem de mim quem sou, como já disse anteriormente por aqui. Tfouni (2008), diz que a realidade é a própria fantasia. Ou seja, por trás da realidade percebida há um real não simbolizado.

Seguindo essa linha de pensamento do autor, acredito que toda memória faz parte da realidade, ela é dotada de elementos do real. Porém não é real. São fragmentos de um passado que é composto em grande parte pela imaginação. Memória é, de certa forma, uma realidade do passado que no presente é inventada pela autossugestão. Assim como dizem os autores Brainerd e Reyna (1995, p. 2), que caminham em consonância com Tfouni (2008), compartilhando da mesma linha de pensamento, ao enfatizarem que

a autosugestão acontece quando o indivíduo lembra não somente do significado, da essência do fato ocorrido, ou seja, o indivíduo recupera a memória da essência sobre o fato vivido, uma vez que a memória literal do que ocorreu não está mais acessível devido, por exemplo, a interferência pelo processamento de novas informações. Assim, quando o sujeito deve decidir se viu uma determinada informação, ele compara a memória da essência do evento

vivenciado com esta informação, e julga lembrar da segunda informação devido a similaridade de significado desta com o evento realmente vivido.

Quando tento recordar de algo que aconteceu comigo em um passado distante, ou não tão distante, lembro-me de detalhes, coisas que mais marcaram o episódio, o restante da memória é trabalhado em parceria com minha imaginação, para fechar as lacunas e fazer com que a recordação faça sentido dentro de uma perspectiva linear.

Raquel Eisenkraemer (2006) diz que, o processo imaginativo, tem grande efeito sobre a memória, pode levar às pessoas a aumentarem significativamente a certeza e exatidão de determinado evento, a preencher o resto baseado no que “deve ter visto”; a lembrança autobiográfica deste pode ser completa, no entanto, incorreta.

Quando digo, por exemplo, que o manto estava sobre as pernas juntas de minha avó, eu posso estar inventando este detalhe, talvez as pernas de minha avó não estivessem juntas, talvez estivessem cruzadas uma sobre a outra, mas de tanto repetir essa linha imagética, para mim, hoje, as pernas de minha amada avó estavam juntas uma ao lado da outra.

II.

A VERDADE

▪ SOBRE A VERDADE

Meus olhos ardem e pisco na tentativa de lubrificá-los de alguma forma. Como está seco o tempo no Distrito Federal. Como estou cansada. Como um descanso me faria bem neste exato momento em que escrevo. Levo meu pensamento para minha infância e lembro-me de um episódio específico.

Era fim de tarde, no mês de janeiro, eu estava desfrutando de minhas férias escolares, voltando para casa, completamente suja, com os chinelos nas mãos e os pés no chão, após um longo dia de brincadeiras com minhas irmãs e a garotada da rua em que eu morava e que ainda moro. O dia estava lindo como todos os outros dias desse mês. Falo isso pois

janeiro é meu mês favorito de todos os meses do ano. Faço aniversário em janeiro. E neste dia estava eufórica justamente por conta de meu aniversário. Mais um ano de vida. Mais uma volta ao redor do sol. Mais uma primavera.

Minha mãe, que me esperava no portão, um pouco aborrecida após me chamar algumas vezes sem obter o meu retorno, olhou-me com um sentimento no olhar que era mais perceptível que o aborrecimento (acredito que era algo que apenas uma mãe consegue sentir ao olhar para o filho), e disse "Tayná, aproveite mesmo! Essa fase passa rápido e você sentirá falta quando for uma adulta".

De fato, era verdade. Eu particularmente não acreditava. Ou não dava muita importância. Hoje falo para as crianças que convivo “Aproveita... Essa fase passa rápido e não volta...” pergunto-me se elas acreditam em minhas palavras. Se o que falo é verdade para elas. Provavelmente não.

Pensando a respeito desta recordação que narrei acima me questiono a respeito da verdade. O que é ela, afinal? Percebo que a definição da verdade é um tópico importante para o desenvolvimento deste trabalho.

Camargo (2008) diz, em sua análise sobre a teoria do conceito de verdade de Nietzsche; que o principal erro dos que procuram a verdade é pressupor que as coisas que mais valorizam não poderiam derivar deste mundo sensível, considerado enganador e fugaz. Ou seja, para ele, Nietzsche vai contra a ideia de que a verdade tão procurada não poderia ser algo da ordem das experiências e dos fenômenos, devendo pertencer a um outro mundo situado para além do sensível. O autor diz ainda que, a ideia dogmática de verdade aparece ligada e dependente da crença em um “mundo verdadeiro” por trás da “aparência”. Nesse sentido,

Nietzsche opõe a esta filosofia metafísica a pesquisa histórica, que seria capaz de efetuar um deslocamento na forma de tratar a relação entre a verdade e a moral. Estas não mais seriam algo a ser encontrado em um outro patamar transcendente às experiências, mas seriam frutos da atividade criadora do homem e pertenceriam, portanto, à história (CAMARGO, 2008, p. 94).

Penso sobre a Verdade. Se a Verdade é algo que vai além de todas as coisas que existem neste mundo e sobre como é possível conceber uma ideia da mesma em minha mente.

Sigo por esta linha de pensamento, citada acima, de que a verdade, não é algo sobrenatural. Ela é algo construído pela sociedade. O ser humano é o responsável pela verdade. Ele a fez. Da mesma forma que também fez a mentira, a linguagem, o pão francês, e muitas outras coisas que se eu fosse listar aqui, provavelmente passaria dias e dias escrevendo sem previsão de um fim.

Ainda de acordo com Camargo (2008) sobre o pensamento de Nietzsche, a vontade de verdade decorre de uma vontade de engano. Para ele, a vontade de engano seria a necessidade de se alcançar um determinado valor à categoria de verdade para

fazê-lo mais forte e mais poderoso a fim de que se possa acreditar nele.

Entretanto, como este valor foi criado historicamente, é um engano tê-lo por verdade. A verdade em que se acredita nada mais é do que a crença na veracidade de um engano. Aquilo a que se chama de verdade não retiraria sua validade de seu pertencimento a uma outra ordem metafísica inatacável, ao contrário, a crença em que a verdade pertence a uma tal ordem é que a torna inatacável, contudo isto não passa de uma crença. Se a verdade é criada, então ela é uma espécie de erro. Uma verdade é apenas um erro mais aceito pela moral, talvez por ser um erro necessário (CAMARGO, 2008, p. 96).

Ao me deparar com este pensamento automaticamente me recordo da questão sobre realidade e fantasia, que trouxe no capítulo anterior, com os pensamentos de Tfouni (2008), que afirma que de certa forma, buscamos viver numa fantasia com doses de realidade, por medo de encarar o real.

Percebo que estes dois conceitos se ligam como uma grande e pegajosa teia de aranha. A realidade é imaginária, assim como a verdade, de certo modo, não é verdadeira. Ela também é inventada.

Sigo mais adiante na linha de pensamento em que Camargo (2008), seguindo o pensamento de Nietzsche diz que, é impossível viver sem representações valorativas e lógicas, neste sentido, a vontade de verdade, isto é, a busca e valorização da verdade acima da ilusão, seria uma forma de autopreservação e possuiria uma função reguladora.

O autor dá continuidade ao pensamento alegando que:

Toda moral e também o “conhecimento” produzido pelo homem, na medida em que é, justamente, produção, é uma criação, não podendo participar da idéia metafísica de verdade. Contudo, a transformação da invenção (erro) em verdade reside na necessidade de se acreditar em algo inventado como se fosse uma verdade absoluta, somente assim se poderia acreditar em um erro. Esta necessidade é uma necessidade vital (CAMARGO, 2008, p. 96).

Com isso percebo que a verdade, talvez, possa ser construída e implantada socialmente, para que haja uma base sólida de princípios e valores que nos permita conviver nos moldes do aceitável e do lógico. Por ser considerada lógica colocam-na acima da ilusão fantasiosa.

Sigo escrevendo há horas, deitada em minha cama, com o nootebook sobre minha barriga. O sol já se foi quase por

completo deixando o céu com uma coloração azul escuro. Lindo, porém melancólico. Em meu celular toca uma do Pink Floyd. Eu amo esta banda. À medida que leio sobre o que é verdade e o que não é verdade me perco em meus questionamentos. O que não é verdade para nós se configura como mentira? Se a verdade é uma ilusão o que não é ilusão? Lembro sobre o que é real e o que é realidade, aquelas coisas que citei no capítulo anterior. Lembro que não conheço o real. Meu pensamento vaga cada vez mais. Não quero conhecer o real. Tenho medo... nos enganamos constantemente, sendo assim, acredito que tudo bem se eu resolver criar verdades. Eu posso criar verdades. Afirmando novamente, de forma que apenas eu possa ouvir; a verdade é apenas uma ilusão mascarada. Hoje me sinto triste. "Deve ser a música", penso, tentando enganar-me novamente.

Seguindo o fio do pensamento anterior, sobre a lógica Camargo (2008) afirma em sua pesquisa que; para Nietzsche, até mesmo a lógica é uma ficção, uma vez que decorre de um longo processo de desenvolvimento histórico, não sendo, portanto, uma categoria inata do sujeito. Para ele, crer ser possível separar o que é real e verdadeiro do que é falso e ilusório é algo praticamente utópico, pois

Seria impossível qualquer vida para além da mais primitiva sem que as ilusões da lógica e da gramática sejam entendidas enquanto verdades pelos homens, porém, nem por isto deixam de ser um sistema de falsificação. Longe de tais compreensões serem uma verdade tal qual a metafísica a define, não passam de invenções, ou mitologia (CAMARGO, 2008, p. 97).

Entendo, a partir do autor, que a verdade é indispensável para a existência da vida como a conhecemos. A vida em sociedade. Assim como a justiça e a religião, a verdade foi criada dentro da sociedade, e é vista como real.

A verdade ser vista como real não muda o fato de que ela, em sua essência, é ilusória. Sendo assim, digo que; verdades parecem ser invenções necessárias para que possamos seguir nossas vidas, ou ao menos tentar. Precisamos pilares para acreditar e nos apoiar. Sempre foi assim de acordo com a história da humanidade, histórias que também não são reais. Porém acreditamos que seja.

Acreditar no que é dito é um ponto crucial para que o conceito de verdade dentro deste trabalho seja entendido, sobre isto o autor diz o seguinte:

Quando se compreende a verdade como uma necessidade cultural possibilitadora da vida em

sociedade por tornar a experiência comunicável, atenta-se para a possibilidade da verdade ser, no fundo, uma crença, isto é, a verdade, para ser verdade, dependeria de que um grande número cresse nela (CAMARGO, 2008, p. 110).

Concordo com o autor quando o mesmo diz que a verdade é uma crença, à partir do momento que um conjunto de pessoas acredite no que foi exposto como tal. Toda fantasia pode ser verdade na perspectiva que o mundo verdadeiro, em suma não existe.

Se digo que Rosaline foi minha parente distante que viajou o mundo há muito, muito tempo atrás fotografando situações diversas e registrando-as em seu lindo caderno de viagem, quem poderá dizer que estou faltando com a verdade? O que faz com que minhas palavras possuam mais credibilidade?

Penso sobre isso. Chego numa resposta: A imagem. A documentação, a narrativa.

▪ **NARRATIVA COMO DOCUMENTAÇÃO**

Entre 1852 e 1898, Rosaline enviou cartas para sua família, todas elas intituladas “*vou em companhia do amor dos que amo*,”

espero que entendam”. Estas cartas foram escritas durante o tempo em que ela esteve em sua jornada pelo mundo afora.

Em suas cartas, Rosaline contava a seus familiares sobre seus sentimentos, sobre o que vivenciava em sua viagem, sobre suas dificuldades e aventuras. Falava da saudade e de sua sede de cada vez mais presenciar o desconhecido. Ela escrevia estas cartas com o intuito de documentar e contar suas histórias para seus familiares que ficaram para trás.

Minha avó, ao mostrar-me as cartas, com os olhos apertados (não sei se de emoção ou devido a poeira e mofo que nelas continham) disse-me que eram cartas cheias de ternura de uma mulher destemida e cheia de paixão, disse-me que nelas havia muitas histórias incríveis e desabafos sobre sentimentos profundos.

Todas essas cartas que chegaram foram guardadas para servir como recordação de alguém que era tão amada. Eram uma parte da história de Rosaline.

A seguir um trecho da primeira carta enviada por Rosaline à sua mãe, datada de 24 de novembro de 1852:

Vou em companhia do amor dos que amo,
espero que entendam.

24 de novembro de 1852

Rose, minha querida mãe, Sabes como sou,
me deste a vida, vim de teu ventre. A senhora
melhor do que ninguém me conhece e entende de
meu desejo sufocante de conhecer o mundo, me
aventurar em busca do desconhecido.

Este meu desejo é tão sufocante que transpassa
o mundo dos desejos e se solidifica no mundo
físico, se eu não o concretizar serei
sufocada e não conseguirei seguir em frente.
Este é o meu destino. É o que me trará
sossego.

Já quase não consigo dormir, passo minhas noites em claro rolando de um lado para o outro na cama, pensando sobre isto, chego a transpirar de angústia! Minha vontade é gritar, mas o grito que sai de meus pulmões se prende no nó em minha garganta e não encontra a saída pela boca.

Após muito pensar sobre isso me decidi. E decidi que nada que disserem fará-me voltar atrás em minha decisão. Vou em busca do que almejo, vou conhecer o mundo. Se o horizonte é o limite, quebrarei-o.

Comigo levarei apenas algumas tralhas que possuo e minha preciosa câmera. Tu sabes de minha paixão pela fotografia. Prometo a ti que

registrarei o que de mais deslumbrante há no mundo para mostrar-te em meu retorno.

O que disse acima é sobre os bens materiais, mas saiba que o que de mais precioso que levarei não faz parte desse mundo palpável.

Falo de meu amor pela senhora e de todas as memórias que construímos juntas nesses anos de vida. Tu és minha maior companheira, mãe, eu te amo e a saudade já comprime meu coração, expande dentro de mim de forma que vaza pelos olhos.

Peço que compreendas e aceite minha decisão.

Até breve. Eu voltarei.

Com amor, Rosaline.

Essa carta, escrita há tanto tempo atrás, é uma narrativa sobre um episódio que na época era o presente momento da vida de

Rosaline, hoje faz parte de algo de um passado muito distante que se mantém vivo como registro.

É apenas uma carta para alguns, quem não conhece a história não deposita um peso sentimental sobre tal artefato. Porém, ao analisá-la, percebo o quanto esse pedaço de papel escrito documenta e concretiza o ocorrido.

Não é apenas uma carta, é uma história, é uma narrativa. É algo verdadeiro que faz parte da realidade. Algo que aconteceu; A caligrafia cursiva de Rosaline, desenhada com tinta preta sobre o papel amarelado e danificado pelo efeito do tempo. O odor do mofo. Tudo isso conta uma história. A carta acima documenta o que era possível à Rosaline escrever para sua família que ela tanto amava. Documenta sentimentos.

Minha avó dizia que essas cartas são uma parte da história de vida de Rosaline. A deslumbrante trajetória da destemida mulher que desbravou o mundo. É um documento narrativo que comprova a veracidade do que foi vivido há tanto tempo atrás.

A narrativa é um conceito que se desmembra em diversas categorias. Existe a narrativa histórica, a narrativa ficcional, a narrativa jornalística, etc. Porém em sua essência a narrativa consiste no ato de contar histórias, narrar fatos e acontecimentos

tidos como reais ou ficcionais. Darei foco à questão da história, pois é o ponto central deste assunto.

Atualmente usa-se o termo *storytelling* para referir-se à esta atividade. Massarolo (2013) diz que ao longo da história, o sentido etimológico da palavra *storytelling* (*story*–história; *telling*- contar), ou seja, o ato de ‘contar histórias’, adquiriu novos sentidos, assumindo variados graus de importância e diferentes significados. Ele diz, ainda que:

As histórias sempre existiram e é por meio delas que não somente nos é apresentado os mistérios do mundo, como também transmitimos nosso legado cultural para as gerações futuras. O ato de contar histórias remonta à própria história da humanidade, quando narradores (*storytellers*) sentados ao redor de fogueiras trocavam experiências entre si sobre os embates travados com as forças desconhecidas da natureza. A função do narrador era de ativar crenças e valores, fornecer sentidos aos acontecimentos através do relato de histórias. Esses relatos não se limitavam ao universo das experiências individuais, servindo para formular hipóteses e indagações sobre o nosso próprio destino (MASSAROLO, 2013, p. 337).

Ao me deparar com o trecho acima lembro-me de como sempre gostei de contar histórias, sobre como a narrativa sempre esteve presente em minha vida. Dou-me conta, a partir do autor, de que a narrativa sempre esteve presente no desenvolver da

humanidade. Falar dos embates entre o homem e a natureza, citados acima, e como eles ficavam sentados ao redor da fogueira é história também. Consigo imaginar a cena sem ao menos tê-la visto. Para mim é verdade, faz parte do real, se está escrito certamente aconteceu, penso.

Quando Massarolo (2013) afirma que o papel do narrador é de ativar crenças e valores, lembro-me de Camargo (2008), que diz que a verdade, para Nietzsche, só é considerada verdade em decorrência da crença das pessoas. Penso, então, que uma narrativa é verdadeira a partir do momento que quem a escuta acredita nela. Lembro de Rosaline.

O diário com os registros de viagem de Rosaline é uma forma de documentar a história de sua vida. As fotografias e os textos narrativos dos momentos que ela viveu são uma forma de comprovar momentos vividos em sua jornada. Penso, Rosaline é uma verdade documentada.

▪ IDENTIDADE E ALTER EGO

Após muito falar sobre as questões de memória, realidade, fantasia, imaginação e verdade é preciso falara sobre a

identidade, para finalizar a linha de pensamento presente aqui em meu trabalho e, enfim, falar sobre a obra final que é o foco central que me motivou a produzir meu TCC.

Abaixo segue um trecho narrativo recuperado de minhas lembranças de infância, onde faço uma conexão com minhas questões relacionadas a formação de identidades e personagens;

Era manhã e o sol brilhava forte, o calor já era intenso e me fazia suar, mesmo com essas condições climáticas o céu estava repleto de nuvens. Lembro-me de me questionar se a chuva cairia naquele dia ou se era apenas a névoa seca que sempre está presente no horizonte de Brasília no final de outubro. Não choveu.

Eu tinha lá os meus onze, doze... treze anos... não sei ao certo. Mesmo tão jovem já carregava comigo um amontoado de questões internas que me perturbavam a cabeça. A puberdade é perturbadora de fato. Foi uma fase difícil.

Me sentia desconectada, pra mim eu não fazia parte do conjunto da obra intitulada universo. Após muito pensar e decidir não ir à escola no dia, chorei, pensei que por mim não pisava mais os pés no local. Nunca gostei de estudar mesmo, não faria diferença.

Sentei-me em minha cama após trancar a porta do quarto e peguei meu caderninho de anotações que servia como um diário quando eu não estava muito bem das ideias.

Ainda chorando escrevi. Escrevi o que sentia, mas por vergonha de meus sentimentos não escrevi meu nome. Meu punho escrevia com a caneta preta sentimentos que estavam dentro de mim, mas a autoria era de outra pessoa.

Identidade é, desde o princípio de nossas vidas, desenvolvida de acordo com nossas vivências. Cada pessoa possui seus próprios traços de identidade. O que faz de cada pessoa única de alguma forma. A artista plástica Liana Macedo Falcão, formada pela Universidade de Brasília, afirma em seu Trabalho de Conclusão de Curso que:

o nosso processo de moldar identidades se baseia em relações com um segundo, fazendo com que nos encontremos em grupos específicos que mais se assemelham aos nossos contextos pessoais. O processo de assimilação se torna classificatória, tornando a identidade não somente uma coisa individual a cada indivíduo, porém coletiva (FALCÃO, 2016, p. 15).

Lembro-me de quem eu era há anos atrás e me percebo como sou hoje, tento traçar uma lista de semelhanças e diferenças entre tudo que eu já fui e tudo que sou atualmente. Penso nas pessoas que fizeram parte de minha vida, mas se foram, nas que permaneceram e nas que acabaram de chegar. Percebo que

posso em mim um pouco de cada uma delas. Algumas mais, outras menos, mas de certo modo todas elas participaram para a formação de minha identidade.

Em concordância com o pensamento de Falcão (2016), acredito que minha identidade é coletiva, tendo em vista que meio em que eu estou inserida, as pessoas com quem convivo e todos os outros fatores externos somados resultam na totalidade da identidade que possuo.

Paro pra pensar mais profundamente sobre a questão de identidade e questiono-me sobre a identidade como algo única em uma pessoa. Digo única no sentido de o indivíduo possuir apenas uma identidade.

Os autores Berger & Luckmann (1996; 2002. p. 226) em seus estudos sobre identidade afirmam que “enquanto membro da sociedade, o sujeito exterioriza seu modo de ser no mundo e o interioriza, por meio dos processos de socialização primária e secundária”. Percebo, a partir disto, que a identidade como única e imutável não é uma ideia palpável, tendo em vista que a personalidade é múltipla dentro de um ser que convive num meio social repleto de estímulos exteriores a todo momento. Sobre esta questão da multiplicidade da identidade o autor Hall (2001) afirma em seu livro que:

em vez de falar em identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a 'identidade' e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (HALL, 2001, p. 39).

Acredito, à partir do pensamento do autor, que sou muitas, não apenas uma.

Mencionar a questão da multiplicidade de identidades presentes em uma única pessoa leva-me ao ponto central onde eu quero chegar, que é o Alter Ego. Esta é uma palavra derivada do latim "*alter*" (outro) e "*ego*" (eu) cujo significado literal é "o outro eu".

De acordo com Aquino (2015) psicologicamente falando a expressão alter ego refere-se a um eu que jaz na inconsciência. Portanto este conceito está relacionado à uma face secreta, um ângulo desconhecido da identidade de uma pessoa.

Paro e reflito sobre o conceito de alter ego derivado da psicologia que a autora propôs. O alter ego é algo que possuo

em meu interior, algo derivado de minha identidade, porém transfigurado para se desvincular de minha imagem exterior. É uma identidade.

Ao falar na questão de identidade retomo a questão de histórias e narrativas. Dentro das histórias e da narrativa o alter ego se caracteriza como personagens, como diz Aquino (2015), o personagem é um ser fictício responsável pelo desempenho de um enredo e por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção.

Esta afirmação faz-me retornar ao conceito de real e realidade de Fabio Tfouni, (2008) e também sobre a questão da verdade proposta por Camargo (2008), onde ambos questionam o que é real e o que é verdade. Sendo os dois conceitos criados dentro da sociedade. Me questiono se mesmo sendo inventado o personagem não pode ser percebido como uma realidade, uma verdade.

As personagens advindas de meu alter ego passam do plano da fantasia para o plano da realidade a partir do momento que as mostro ao mundo como uma verdade. Seguindo pela ideia de Camargo (2008) em sua análise do pensamento de Nietzsche, de que a verdade é caracterizada pela crença das pessoas, se acreditarem em minhas histórias e minhas personagens elas são

verdadeiras. Aconteceram.

E onde está o começo e o fim dessa história? Rosaline é tanto verdade quanto a imaginação pode ser. Trata-se de memórias que trazemos a tido instante.

III. DIÁRIO DE VIAGEM: REGISTROS DE ROSALINE

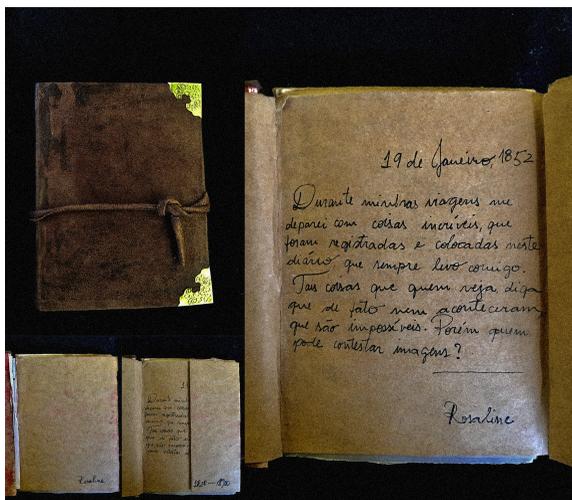


Figura 1: Diário de Rosaline. Acervo particular da autora.

“Durante minhas viagens me deparei com coisas incríveis, que foram registradas e colocadas neste diário que sempre levo comigo. Tais coisas que quem veja diga que de fato nem aconteceram, que são impossíveis. Porém quem pode contestar imagens?”

▪ COMO TUDO COMEÇOU

Aqui contarei a história por trás de Rosaline. Falarei quando começou, meus processos e anseios sobre esta obra e sobre os

caminhos metodológicos que desenvolvi, especialmente, a partir da minha experiência formativa no âmbito pedagógico da Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3.

Como já disse outras vezes aqui, sempre gostei de contar histórias, criar personagens, imaginar situações fantásticas. Carrego estes traços desde minha infância. Algo que não contei, ainda, foi sobre minha paixão por fotomontagens. Nunca gostei de fotografar, para ser sincera, mas desde minha adolescência tenho o hábito de manipular imagens digitalmente, fazendo colagens digitais. Sobre as fotomontagens o autor Mário de Andrade diz o seguinte:

Dentro de uma centena de imagens recortadas, que estejam a nossa disposição, dois temperamentos diversos fatalmente escolherão as imagens que lhes são mais gratas, descobrirão combinações diferentes, movidos pelas suas verdades e instintos. E assim, os principais criadores de fotomontagens se distinguem facilmente; as suas personalidades divergem e se tornam tão características como as de um poeta ou de um pintor (ANDRADE, 1987, p. 9).

Ao ler tal citação penso que provavelmente em decorrência de minha necessidade de externalizar meus pensamentos

imaginativos eu recorri à fotomontagem, sendo ela uma forma de criar narrativas visuais a partir de imagens que já existiam, fazendo, assim, recombinações e trazendo, com isso, minha identidade.

Foi juntando minha pré-disposição a contar histórias e minha empolgação pelas fotomontagens que iniciei o Diário de Rosaline.

Outro fator importante que me levou a produzir esta obra foi minha constante indagação sobre as memórias e a questão da realidade e da verdade. A memória me desperta interesse e o fato de criar memórias e tratá-las como algo que aconteceu me deixa muito animada. Imaginar terceiros vendo a obra e se questionando sobre a veracidade dela é o que eu pretendo alcançar com o Diário.

Ao me deparar com a disciplina Oficina de Fotografia 1, ministrada pela professora Ruth Sousa (2013) conheci sua tese, *“MADEUP MEMORIES CORP© A Ficção como estratégia na construção de Lembranças Inventadas”* que, segundo consta na introdução, consiste na investigação poética sobre a relação entre memória e ficção presentes no projeto Made-up Memories Corp. ©, que é uma empresa fictícia que tem por objetivo produzir registros e documentos que atestam a validade de

lembranças inventadas.

A partir desta ideia resolvi produzir o Diário de Rosaline, que é um diário de viagem de uma mulher que existiu há muito tempo atrás e saiu pelo mundo registrando os acontecimentos vividos em suas viagens.

▪ **REGISTROS DO DIÁRIO DE ROSALINE**

REGISTRO 1

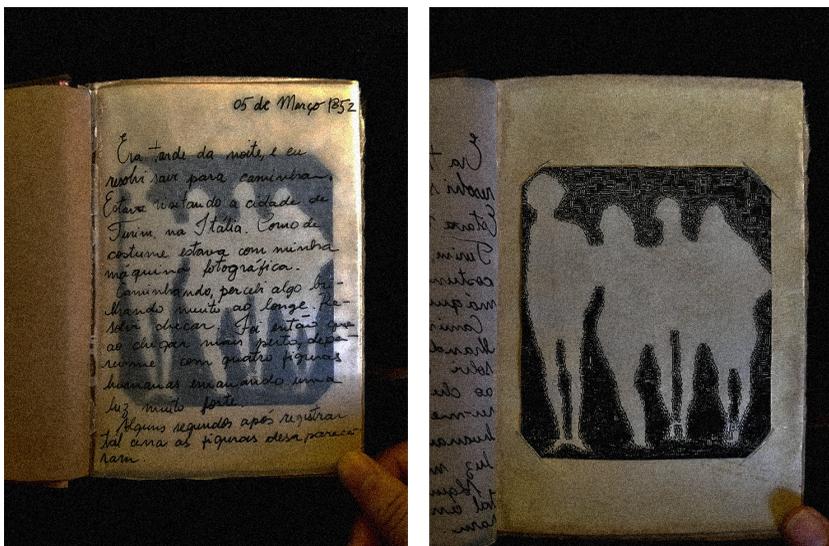


Figura 2: Diário de Rosaline, 05 de março, 1852. Acervo particular da autora.

“Era tarde da noite, e eu resolvi sair para caminhar. Estava visitando a cidade de Turim, na Itália. Como de costume estava com minha máquina fotográfica. Caminhando, percebi algo brilhando muito ao longe. Resolvi checar. Foi então que ao chegar mais perto, deparei-me com quatro figuras humanas emanando uma luz muito forte. Alguns segundos após registrar tal cena as figuras desapareceram”

REGISTRO 2

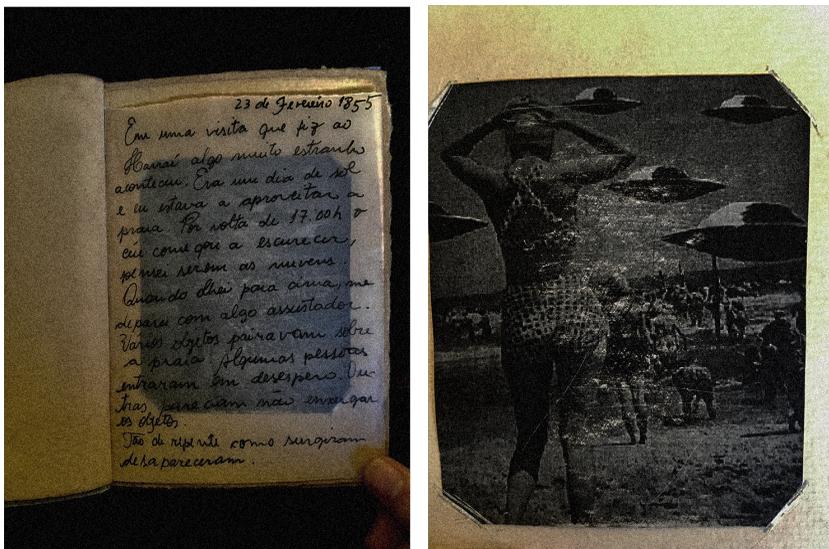


Figura 3: Diário de Rosaline, 23 de fevereiro, 1855. Acervo particular da autora.

“Em uma visita que fiz ao Havaí algo muito estranho aconteceu. Era um dia de sol e eu estava a aproveitar a praia. Por volta de 17:00 horas o céu começou a escurecer. Pensei serem as nuvens. Quando olhei para cima, me deparei com algo assustador. Vários objetos pairavam sobre a praia. Algumas pessoas entraram em desespero. Outras pareciam não enxergar os objetos. Tão de repente como surgiram desapareceram.”

REGISTRO 3

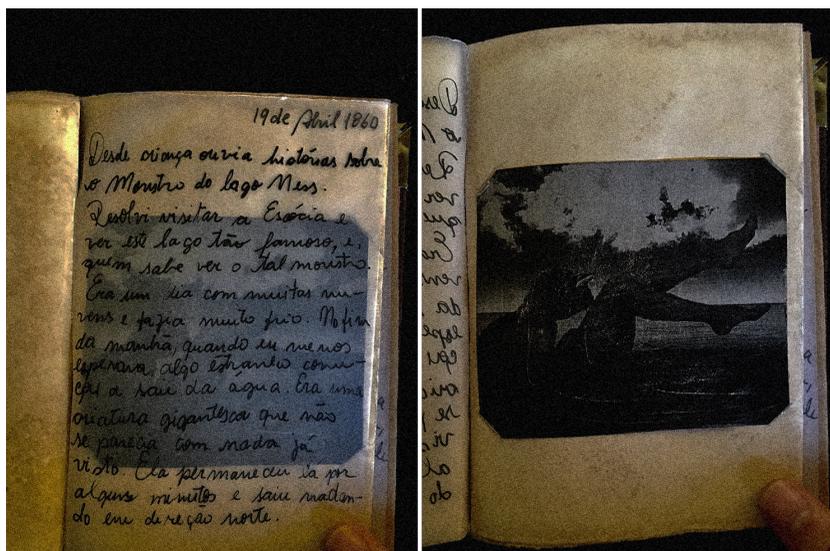


Figura 4: Diário de Rosaline, 19 de abril, 1860. Acervo particular da autora.

“Desde criança ouvia histórias sobre o Monstro do Lago Ness. Resolvi visitar a Escócia e ver este lago tão famoso e, quem sabe, ver o tal monstro. Era um dia com muitas nuvens e fazia muito frio. No fim da manhã, quando eu menos esperava, algo estranho começou a sair da água. Era uma criatura gigantesca que não se parecia com nada já visto. Ela permaneceu lá por alguns minutos e saiu andando em direção ao norte.”

REGISTRO 4

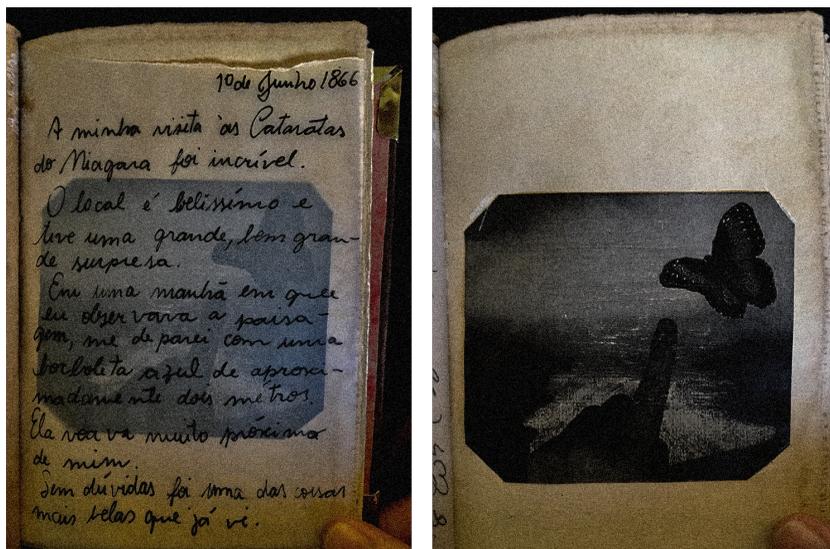


Figura 5: Diário de Rosaline, 10 de junho, 1866. Acervo particular da autora.

“A minha visita às Cataratas do Niagara foi incrível. O local é belíssimo e tive uma grande, bem grande surpresa. Em uma manhã em que eu observava a paisagem, me deparei com uma borboleta azul de aproximadamente dois metros. Ela voava muito próximo de mim. Sem dúvidas foi uma das coisas mais belas que já vi.”

REGISTRO 5

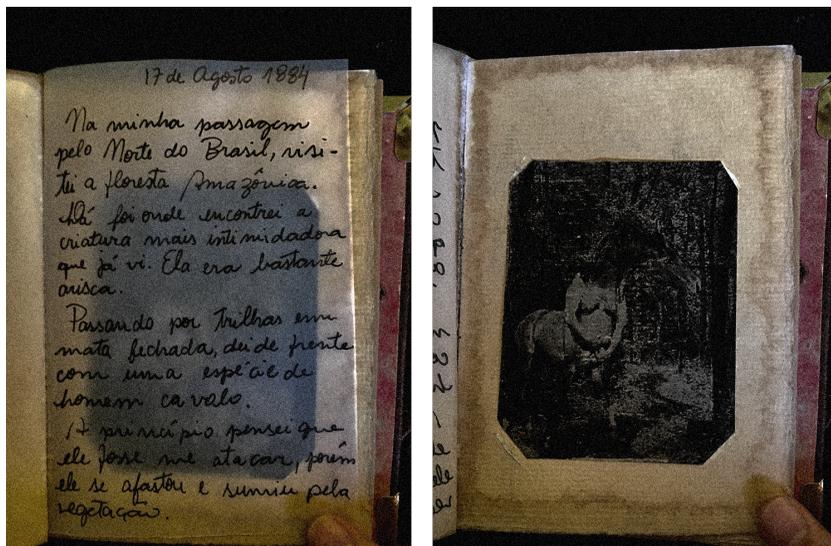


Figura 6: Diário de Rosaline, 17 de agosto, 1884. Acervo particular da autora.

“Na minha passagem pelo Norte do Brasil, visitei a floresta Amazônica. Lá foi onde encontrei a criatura mais intimidadora que já vi. Ela era bastante arisca. Passando por trilhas de mata fechada, dei de frente com uma espécie de homem cavalo. A princípio pensei que ele fosse me atacar, porém ele se afastou e sumiu pela vegetação.”

REGISTRO 6

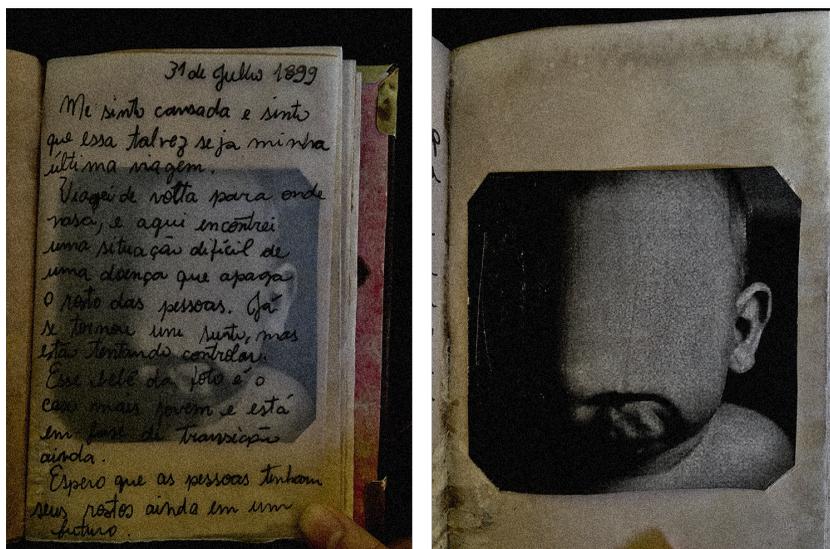


Figura 7: Diário de Rosaline, 31 de julho, 1899. Acervo particular da autora.

“Me sinto cansada e sinto que essa talvez seja minha última viagem. Viajei de volta para onde nasci, e aqui encontrei uma situação difícil de uma doença que apaga o rosto das pessoas. Já se tornou um surto, mas estão tentando controlar. Esse bebê da foto é o caso mais jovem e está em fase de transição ainda. Espero que as pessoas tenham seus rostos ainda em um futuro.”

▪ A IDEIA E O PROCESSO

A ideia desde diário é transformar memórias inventadas em memórias verdadeiras. É uma forma de documentar a jornada fictícia de Rosaline de forma que quem tenha acesso ao diário se questione sobre a veracidade dos acontecimentos.

Para isso utilizei-me do artifício da documentação com imagens e texto narrativo, contando as histórias de viagem de meu alter ego Rosaline.

As imagens presentes no diário são fotomontagens digitais feitas com o Photoshop. Todas as imagens utilizadas para as fotomontagens foram retiradas da internet. São imagens que possuem a liberação para o uso público.

Elas foram tratadas digitalmente para que parecessem envelhecidas, já que as histórias são datadas de uma época em que a tecnologia não era tão evoluída para proporcionar uma boa resolução da fotografia.

Após a impressão das imagens em papel fotográfico, interfeiri sobre elas com um objeto pontudo com o objetivo de trazer um aspecto desgastado.

Todas as fotomontagens possuem caráter imaginativo. Elas retratam situações fantásticas advindas de minha imaginação. Situações que não são possíveis de se encontrar dentro de uma perspectiva do real. Neste sentido que brinco com a questão da imaginação e da verdade. Tento transformar situações que obviamente não são palpáveis, em registros reais, tratados como verdadeiros. A imaginação pode ser verdade também se quem a vê acredita.

Os textos que acompanham as imagens foram escritos a mão com letra cursiva e tinta nanquim. São as percepções de Rosaline a respeito dos acontecimentos que ela presenciou. Todos os textos possuem data e local do acontecimento. Fiz isso para solidificar a ideia de veracidade dos fatos citados no diário, seguindo pela linha de pensamento que quanto mais detalhes a informação possui, mais credibilidade ela passa.

Segui uma linha cronológica nas narrativas, onde cada registro possui um período significativo, mostrando que durante a trajetória de Rosaline nem sempre aconteceram coisas extraordinárias, mas sempre que aconteceu ela registrou em seu diário. Encerro as narrativas com Rosaline contando sobre uma doença que virou um surto no local onde ela estava, ela já se sentia cansada e temia que aquela fosse sua última viagem. Após

este relato o diário segue com folhas em branco, o que deixa em aberto para quem estiver lendo. Essa perspectiva abre espaço para o questionamento, ou seja, o que de fato aconteceu com a viajante.

Todas as folhas do diário foram tratadas e envelhecidas para passar o aspecto de deterioração pelo tempo. Envelheci-as com café por dias até alcançar o resultado esperado. Após feito isto interfeiri com um objeto cortante suas bordas para parecerem desgastadas.

Encadenei todas as folhas com cola e cole-as junto a uma capa dura encapada com um tecido marrom que simula couro, nas pontas da capa coloquei enfeites de ferro para dar um toque rústico ao diário. Meu intuito era que se parecesse realmente com um caderno antigo de alguém que viajou pelo mundo carregando-o.

Com este diário minha intenção é questionar a questão da identidade, da memória e da verdade. Trabalhar a imaginação como um conceito tão relevante quanto o conceito de real. Trazê-los para o mesmo patamar e mostrar que a ela é fundamental para o ser humano.

Este Diário serviu como trabalho final para a Disciplina Oficina de Fotografia 1. Posteriormente, também serviu como inspiração e aprofundamento para o trabalho final da Disciplina de Ateliê 1 onde fiz outro diário pertencente a outra personagem, ou melhor, a um outro alter ego.

Esclareço que a partir de uma reflexão acerca da potência tanto narrativa como visual desse trabalho, resolvi aplicar essa perspectiva na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3. Nesse sentido, a dimensão da proposta atendeu a minha atividade de docência realizada no Centro de Ensino Fundamental 11 de Taguatinga Norte, que será abordada no capítulo seguinte onde tratarei a metodologia realizada e os objetivos por mim almejados em relação a minha atividade pedagógica.

IV.

PRÁTICA PEDAGÓGICA

▪ A RESSIGNIFICAÇÃO

Em busca de uma experiência pedagógica livre das limitações acadêmicas que vivi em minha época de escola, que a meu ver possuía e ainda possui um caráter limitante no que se refere ao desenvolvimento da imaginação e do pensamento poético, encontrei na narrativa e na resignificação do real uma forma de alterar este cenário, alterando, assim, não somente a percepção do outro como também a minha. Sobre a questão de resignificação, Nobre (2014, p. 35) afirma que:

Ressignificar é um elemento chave para o processo criativo, através dele podemos aprender a pensar de outro modo sobre as coisas, ver novos pontos de vista ou levar outros fatores em consideração.

É nesse sentido que busco resignificar conceitos pré-estabelecidos como a verdade, a memória e a realidade. Para com isso abrir novos caminhos de possibilidade de interpretação por parte dos alunos que tive o prazer de conhecer em minha trajetória acadêmica.

A resignificação abre espaço para que a imaginação trabalhe ativamente buscando outras possibilidades não convencionais para trabalhar conceitos já fechados em um sentido único. Dizer que a realidade não é real e que a verdade não é verdadeira, dentro das artes, torna a fantasia uma possibilidade de expressão concreta dentro do âmbito social. Eleva-a ao mesmo patamar de importância do que é tido como sério e necessário.

Reafirmo que vivemos em um mundo onde o conceito de realidade e verdade é supervalorizado. O Real e o verdadeiro encontram-se num pedestal tão alto que se torna quase intocável.

Estamos constantemente traçando nossos caminhos em busca do que é tido como verdade.

O que não é uma realidade, muitas vezes, é deixado de lado, pois sua importância não é sólida o bastante para ser significativo dentro dos contextos presentes no cotidiano atual. Com isso, a imaginação acaba perdendo seu valor perante a sociedade, passando a ser vista apenas como algo que as crianças em seus primeiros anos de vida têm em abundância e acabam perdendo à medida que vão crescendo.

Talvez isso faça sentido no contexto que não somos condicionados, durante nossa vida, a trabalhar desenvolvendo a imaginação.

Observo, inclusive, a partir da minha prática formativa, que nas salas de aula o que se encontra, dentro da área de artes, muitas vezes são atividades engessadas de repetição, onde não é trabalhada a questão imaginativa e poética do aluno. Dessa forma, ao considerar questões que estão relacionadas com o processo formativo dos alunos, foi desenvolvida uma proposta pedagógica para a Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3. A proposta consistiu em propor uma atividade em sala de aula, ressignificando os conceitos de memória,

realidade e verdade, expondo aos alunos tais conceitos e como podem se tornar fictícios a partir de um determinado contexto.

CONTEXTUALIZANDO A IDEIA:

Nesta etapa minha proposta em sala de aula foi apresentar para meus alunos o tema que seria abordado na atividade que foi dividida em três etapas.

▪ **PRIMEIRA ETAPA: APRESENTANDO OS CONCEITOS**

A princípio, pedi para os alunos que fizessem grupos e debatessem entre si sobre o que, para eles, era memória e o que era imaginação.

Depois que eles chegaram a um consenso em cada grupo, começou, então, um debate entre todos os grupos sobre o que representava cada conceito e quais as diferenças e semelhanças entre a memória e a imaginação. O debate durou até o momento em que todos os alunos chegaram em uma resposta que mais os agradava.

Para finalizar a primeira etapa do processo, apresentei uma explicação sobre o que é fotomontagem. Citei exemplos de

artistas e obras e por fim fiz uma conexão entre a memória e a imaginação. Colocando-as como fatores coexistentes, para, enfim, explicar a atividade prática que seria proposta na aula seguinte.

▪ **SEGUNDA ETAPA: A IMAGINAÇÃO EM PRÁTICA**

Nesta etapa propus uma aula prática para os alunos. Expus a ideia da atividade, que era em sua essência a criação de fotomontagens com imagens retiradas de revistas, jornais, etc. Essas fotomontagens serviriam como uma forma de documentação visual de acontecimentos que seriam tratados como memórias verdadeiras, que aconteceram em algum momento dentro da realidade.

Para exemplificar a ideia proposta, usei o diário de Rosaline. A princípio senti pairar no ar uma certa angústia dos alunos em relação ao que lhes foi proposto. Eles sentiam-se perdidos e com medo de produzir as fotomontagens sem um tema central. A ideia de liberdade criativa parecia algo assustador para eles.

Sobre esta questão o autor Lowenfeld (1977), diz que algo que deve ser preservado a qualquer custo é a autoexpressão da criança. Em suas palavras:

modificar seus desenhos ou sua pintura, para satisfazer algum capricho do professor de arte será, na maioria dos casos incompreensível para uma criança; são o próprio jovem e suas relações recíprocas com o meio as condições decisivas (LOWENFELD, 1977, p. 60-61).

Tendo em vista o pensamento de Lowenfeld, percebi que talvez o medo dos alunos se dê pelo fato deles não se sentirem muito livres para se expressa. Acredito eu, pois sempre tem uma fórmula já pronta do que eles devem fazer, ou até mesmo porque eles acham que o que querem fazer não é certo, ou não é o suficiente para uma atividade “séria” da escola.

Os alunos sempre ficavam me perguntando se podiam fazer determinada coisa, se era certo, se eu tiraria nota por ser algo cômico. E quando eu explicava que eles estavam livres para fazer o que quisessem expressar na fotomontagem eu sentia que o medo passava e eles ficavam muito animados e felizes com aquela liberdade que lhes era dada.

▪ **TERCEIRA ETAPA: A HISTÓRIA ESCRITA**

Nesta etapa propus uma aula prática de produção de um texto narrativo baseado na fotomontagem feita na aula anterior pelos alunos.

A ideia de propor um texto narrativo referente as fotomontagens consistiram em documentar a partir da linguagem escrita a situação que supostamente teria sido presenciada na obra.

O texto serviu como uma forma de conferir valor à documentação da imagem, como um relato do que foi vivido. Trazendo, assim, mais credibilidade à obra.

V.

O RESULTADO: APONTAMENTOS REFLEXIVOS

Estes são quatro trabalhos realizados pelos alunos³ que participaram da atividade proposta durante meu estágio supervisionado. Recebi uma quantidade muito grande de trabalhos, tendo em vista que dei aula para três turmas, cada uma com cerca de 30 alunos. Dentre todos, utilizei como critério metodológico de seleção dois aspectos: impacto visual da fotomontagem e o contexto narrativo da história.

- **REGISTRO 1**

³ Todos os trabalhos aqui utilizados foram-me entregues após eu pedir a autorização de uso das obras, sem expor o nome, ou imagem dos alunos.



Pérola foi encontrada

Perla é uma menina de 10 anos que foi sequestrada aos 5 anos de idade. Ela foi sequestrada em 2013 na Supermercado família da Leilândia. A menina se perdeu no mercado, a mãe não percebeu e entrou em desespero. A mãe chamou a polícia, eles consideraram que ela foi sequestrada.

Depois de 5 anos a menina foi encontrada no (PIX) de Mata grossa (uma tribo de índias). Ela agora está com a família, e ainda não encontraram o sequestrador, eles estão a procura.

Figura 8: Pérola foi encontrada. Fotomontagem e texto narrativo realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

“Pérola foi encontrada

Pérola é uma menina de 10 anos que foi sequestrada aos 5 anos de idade. Ela foi sequestrada em 2013, no supermercado Família, da Ceilândia. A menina se perdeu no mercado, a mãe não percebeu e entrou em desespero. A mãe chamou a polícia. Eles consideraram que ela foi sequestrada.

Depois de 5 anos a menina foi encontrada na (PIX) de Mato Grosso (uma tribo de índios). Ela agora está com a família, e ainda não encontraram o sequestrador. Eles estão à procura.” x

▪ **REGISTRO 2**



Figura 9: O mundo da Deep Web – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

O mundo da Deep Web.
 Éa uma vez o mundo imerso
 tudo da água e da terra e tudo
 terrestre e aquático cheio de coisas
 malucas e estranhas como por exem-
 plo: Telefones em água e modemas
 instalados na terra flutuando em auto
 mar e outros;
 Peixes na terra e muitos outros.
 O mundo era realmente muito bizarro
 se parecia um submundo da Deep
 web na vida real, como tinha dois
 de telefone, debaixo da água, eletrici-
 dade e água não combina, assim co-
 mo um mergulhador não pode nadar
 na terra, peixes não podem voar
 e etc.
 Essa imagem bizarra quebra o efeito
 da gravidade e mostra que as coisas
 não funcionam em lugares inverti-
 do.

Figura 10: O mundo da Deep Web - Texto narrativo realizado por um aluno. Acervo particular da autora.

“O mundo da Deep Wep

Era uma vez o mundo inverso. Tudo da água era da terra e tudo terrestre é aquático cheio de coisas malucas e estranhas, como por exemplo: telefones em água e nadadores nadando na terra, banda em alto mar e outros. peixes na terra e muitos outros. O mundo era realmente muito bizarro. Parecia um submundo da Deep Web na vida real. Como tinha dito do telefone embaixo da água, eletricidade e água não combina, assim como um mergulhador não pode nadar na terra, peixes não podem voar e etc. Essa imagem bizarra quebra o efeito da gravidade e mostra que as coisas não funcionam em lugares invertidos.”

▪ REGISTRO 3



Figura 11: A prisioneira do Castelo – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

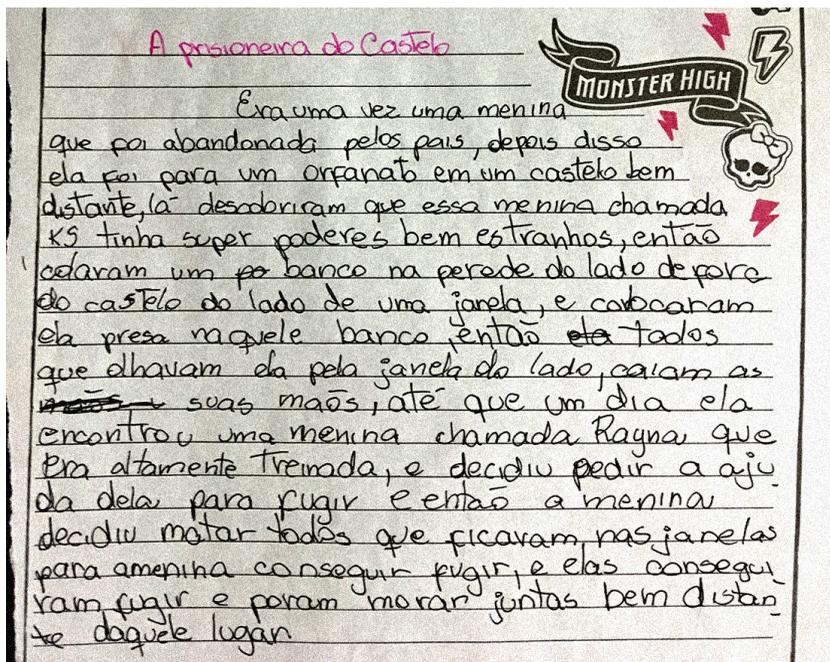


Figura 12: A prisioneira do Castelo – Texto realizado por um aluno.
Acervo particular da autora.

“A prisioneira do Castelo

Era uma vez uma menina que foi abandonada pelos pais, depois disso ela foi para um orfanato em um castelo bem distante. Lá descobriram que essa menina chamada KS tinha superpoderes bem estranhos, então colocaram um banco na parede do lado de fora do castelo do lado de uma janela, e colocaram ela presa naquele banco. Então todos que olhavam ela pela janela do lado, caíam as suas mãos, até que um dia ela encontrou uma menina chamada Rayna que era altamente treinada, e decidiu pedir ajuda dela para fugir e então a menina decidiu matar todos que ficavam nas janelas para a menina conseguir fugir. Elas conseguiram fugir e foram morar juntas bem distante daquele lugar.”

▪ REGISTRO 4



Figura 13: Férias de duas meninas – Fotomontagem realizada por um aluno. Acervo particular da autora.

Férias de duas meninas

Dois mulheres foram passar o feriado em um hotel fazendo muito estranho. Elas foram tomando tomando um sol até que elas viram jupiter e decidiram tirar uma foto com ele e viram um astronauta descendo jupiter e um golfinho com moedas na piscina e um peixe morto e uma rosa e um protetor solar flutuando e elas tiraram foto de tudo o que aconteceu

Figura 14: Férias de duas meninas – Texto realizado por um aluno.
Acervo particular da autora.

“Férias de duas meninas

Duas mulheres foram passar o feriado em um hotel fazenda muito estranho. Elas estavam tomando um sol até que elas viram Júpiter e decidiram tirar uma foto com ele, e viram um astronauta descendo de Júpiter e viram um golfinho com mochila na piscina e um peixe morto e uma rosa e um protetor solar flutuando e elas tiraram foto de tudo o que aconteceu.”

Ao me deparar com as obras dos alunos senti em mim uma emoção indescritível. Talvez, por ver a forma como eles se expressaram. Uma forma pura, no sentido de não se prenderem a nenhum protocolo pré-estabelecido ou um tema limitado.

Eles possuíam os materiais, a técnica e todo um horizonte de possibilidades para expor o que para eles fosse significativo o suficiente para externalizar em forma de uma atividade escolar.

Nas obras consegui perceber como os alunos trouxeram, suas personalidades, suas vivências e suas memórias, transformando-as com o poder da imaginação.

Analisando essas obras, observo traços de ingenuidade, curiosidade, em algumas a agressividade, que se vê presente nessa fase de transição da infância para a adolescência. Digo isso baseando-me em minhas experiências e sentimentos confusos de quando eu tinha meus onze ou doze anos. Era uma época conturbada em minha vida. A mudança traz consigo um pouco de caos. E o caos se fez presente nas obras desses alunos.

Percebo a ressignificação da realidade vivida por eles, quando trazem em seus textos locais que já estiveram, ou que já ouviram falar em algum momento de suas vidas, locais e coisas que

fazem parte de uma realidade do mundo real. Eles ressignificaram estas realidades, estes sentimentos. Isso faz da obra uma verdade. A verdade desses jovens alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EU ROSALINE E OS OUTROS

Sentada me encontro, mais uma vez, depois de tantas outras que citei neste texto. Entre lágrimas, causadas por um sentimento que não consigo expressar em palavras, por não saber exatamente o que é. Sorrio, e afirmo ao leitor que esta é a última vez que o lerá esta palavra (sentada) aqui.

Muito se passou desde o início dessa minha jornada com meu TCC. O calor se foi, o frio chegou, juntamente com a chuva e as luzes de natal.

Confesso que a possibilidade de desistir rondou meus pensamentos algumas incontáveis vezes. O medo me apavorou, tremi. Mas me mantive firme e agora afirmo que o aqui a que me referi no início deste texto se faz quase parte de um passado. Vai ficar em minha memória.

O futuro mais do que nunca me aguarda. Uma nova fase de minha vida começa, enfim, se mostrar real, ou realidade, tendo em vista o que citei neste trabalho. Meu futuro é uma realidade, minha imaginação se faz presente todas as vezes que busco concebe-lo em minha mente.

A verdade, a memória e Rosaline, por mais que sejam ilusões, coisas inventadas pela sociedade, por mim ou pelo que quer que

seja, podem ser reais, a partir do momento que se torna significativo para alguém. Se acredito é real. A ilusão é real. Acreditar me fez chegar até aqui. E toda essa trajetória fez de mim quem sou e fez de Rosaline quem ela foi. Eu acredito nisto. Por falar em acreditar... eu acredito na educação como forma de mudança, e eu acredito, também, que os educadores estão na linha de frente para auxiliar nessas mudanças. A educação abre caminhos. Sinto muito orgulho por ter escolhido me tornar uma educadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Agda. **O alter ego na cultura pop através do clipe Yoü and I1**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2015.

ANDRADE, Mário. “**Fantasia de um Poeta**”. In: O Poeta Insólito: Fotomontagens de Jorge de Lima, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1987.

BERGER, P. L., & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade (21. ed.)**. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1966), 2002.

BRAINERD, C. J., STEIN, L. M., & REYNA, V. F. **On the developmental of conscious and unconscious memory**. *Developmental Psychology*, 34, 342-357, 1998. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/1998-01422-014>> Acesso em: 28/11/2019

CAMARGO, Gustavo. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – Vol.1 – nº2. 2008. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf>> Acesso em: 28/11/2019

EISENKRAEMER, R. R. **Nas cercanias das falsas memórias**. Texto digital, Florianópolis, ANO. 2, N. 2, DEZEMBRO/2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/articloe/view/608>> Acesso em: 28/11/2019

FALCÃO, Liana. **A Feminilidade Fantástica: Pensamentos sobre a concepção da Bruxa**. Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em Artes Visuais. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

HALL, Stuart.. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2001.

IZQUIERDO, L, BARCIK, N. R. & BRIONI, J. D. 1989. **Pre-test bendorphin and epinephrine, but not oxotremorine, reverse retrograde interference of a conditioned emotional response in mice**. *Pharmacol. Biochem. Behav.*, no prelo.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

MASSAROLO, J. (2013). **Storytelling transmídia: narrativa para múltiplas plataformas**. *Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia*, 1(2), 335-347. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/1764>> Acesso em: 28/11/2019

NOBRE, Thales. **Convite a Deriva**. Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em Artes Visuais. Universidade de Brasília. Brasília. 2014.

SOUSA, Ruth. (2013). *Made-um memories corp*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/78873>>
Acesso em: 28/11/2019

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani. **A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 171 a 194, 2008.

Disponível em:

<<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1605>> Acesso em: 28/11/2019

ANEXO 1

DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DO ESTÁGIO

Declaramos para fins de comprovação de Estágio Supervisionado, que o(a) aluno(a)

Jaqueline Matheus de Oliveira

RG 3314 873, cumpriu (20 horas)

horas/aulas de estágio neste Estabelecimento de Ensino, em nível de Ensino

Fundamental, no componente de Artes Visuais.

Brasília, 14 de Novembro de 2018.



Assinatura do Diretor da Instituição
(com carimbo)

Telefone: _____


Rodrigo Aurélio Vidal De Oliveira
Diretor
C.E.F. 11 - Tag. MAT: 28.354-8
DOCF Nº 01 DE 0201/2017